

## **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**

---

Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008

### **Gênero e Pesca: participação da mulher no desenvolvimento local**

Rosi Cristina da Silva; Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão (UFRPE)  
Políticas Públicas Educacionais – Programa Pescando Letras – Gênero e Extensão  
Pesqueira  
ST 64 – Gênero e pesca: participação da mulher no desenvolvimento local

### **Políticas Públicas de Acesso a Educação em Área Pesqueira: Análise do Programa Pescando Letras**

#### **INTRODUÇÃO**

O *Programa Brasil Alfabetizado* é um programa criado pelo Governo Federal para garantir o direito e o acesso de todos à educação, como estabelece a Constituição Federal de 1988. É coordenado pelo Ministério da Educação- MEC e atua por meio de transferência direta de recursos para estados e municípios e convênios com instituições especializadas na alfabetização de jovens e adultos. A Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca – SEAP/PR com articulação conjunta com o MEC, vem otimizando esforços através das ações do *Programa Pescando Letras*, para a alfabetização de pescadores e pescadoras de municípios brasileiros.

A justificativa da escolha do público alvo ser a comunidade da pesca artesanal está no longo histórico de falta de apoio e incentivo, associado ao elevado índice de analfabetismo e o fato de ser o mais carente do setor pesqueiro. Uma outra característica importante da pesca artesanal, como esclarece Benício e Costa (2006, p.89), é a presença de mulheres. A participação feminina no beneficiamento do pescado, e mesmo nas atividades pesqueiras, é uma realidade que precisa ser considerada.

Em quase todo o Brasil, o Programa vem ganhando evidência, estabelecendo uma estratégia de articulação com os gestores locais de outros programas sociais, e parcerias com outras instituições, como secretarias estaduais e municipais de educação, entidades da sociedade civil, como o SESI e organizações não governamentais, e alguns estados já conseguiram avançar com experiências bem sucedidas, a exemplo da sintonia entre a inclusão digital e o pescando letras, criando telecentros para “capacitar as comunidades pesqueiras no uso das tecnologias de informação e comunicação com vistas a

potencializar a organização de colônias e associações e sua inserção no mundo Digital democratizando o acesso à informação com a utilização de software livre.” Assim, ampliando as ações para o *Projeto Maré – Telecentro da Pesca* criado pela SEAP/PR, que faz parte do Programa Governo Eletrônico – Serviço de Atendimento ao Cidadão (Gesac) do Governo Federal que pretende promover a inclusão digital de milhões de brasileiros.

Nesta perspectiva, este estudo teve por finalidade levantar e analisar documentos e relatos sobre o Programa Pescando Letras, em alguns estados brasileiros, e também apresentar alguns parâmetros sobre a participação de pescadores e pescadoras no referido Programa no estado de Pernambuco.

## **PROGRAMA PESCANDO LETRAS**

O *Programa Pescando Letras* foi criado pelo governo federal em 2003, no mesmo ano da I Conferência Nacional de Aqüicultura e Pesca, realizada em Luziânia/GO, onde o tema do analfabetismo foi debatido. Nessa ocasião, ficou definida a inclusão educacional como uma das prioridades da SEAP/PR.

O *Pescando Letras* busca alfabetizar pescadores e pescadoras profissionais e aqüicultores e aqüicultoras familiares que não tiveram acesso à educação durante a idade escolar. A proposta pedagógica do referido programa adota uma metodologia própria para essa categoria, respeitando sua cultura, experiência e realidade socioeconômica, e não se limita apenas a alfabetização, mas num processo mais amplo do aprendizado da leitura e da escrita, de continuidade da escolarização, de formação permanente ligada ao trabalho. São turmas formadas prioritariamente por pescadores profissionais e aqüicultores familiares, com época e duração dos cursos levando em conta a disponibilidade irregular de tempo desses trabalhadores, aproveitando os períodos de defeso/piracema ou momentos em que ele não está trabalhando.

Em muitos estados o SESI, o Banco do Brasil e o Banco da Amazônia são parceiros da SEAP. Esse Plano de formação e valorização do pescador, instituído pela SEAP/PR ocorre também no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba. Na Bahia, nas comunidades de Xique-xique, Pilão Arcado Barra e Remanso, o Pescando Letras também é chamado, pelos próprios pescadores, de “Saberes das Águas”.

Destacamos que no final de 2003, a equipe de um grupo chamado SAPÉ - Serviços de Apoio à Pesquisa em Educação, que não trabalhava com pesca artesanal diretamente, mas

com alfabetização de adultos, foi convidada para elaborar um documento que orientasse as ações de alfabetização e educação continuada dos pescadores e pescadoras, aquícultores e aquícultoras de todo o país. Dessa proposta pedagógica própria para *Pescando Letras*, resultou na edição do livro “Rede de Saberes - Alfabetização de pescadores artesanais”, que traz informações, reflexões e pistas metodológicas na formação de educadores, adaptada à realidade do pescador, considerando a sua rotina laboral.

Em Pernambuco, ao nos referir ao *Pescando Letras* em algumas colônias, constatamos o que diz Carvalho e Callou (2008, p.70) o fato de o *Pescando Letras* estar ligado ao *Programa Brasil Alfabetizado* leva alguns pescadores a não distinguir ou privilegiar a especificidade da proposta de alfabetização na pesca. O que determina a escolha entre um programa e outro, ao que parece, é o querer-ser-alfabetizado, independentemente da categoria social a que pertence.

De acordo com as informações prestadas pelos técnicos da SEAP/PE, existe um esforço para a implantação do programa nas colônias, inclusive na divulgação antecipada, tendo em vista o curto período do prazo de adesão. Porém, há um desinteresse de algumas colônias em contribuir nessa divulgação juntos aos pescadores e pescadoras, o que nos leva a questionar sobre essa relação de poder que existe nessas colônias. Com base no que diz Orlandi (2002, p.83) as relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras. Essa reflexão pode nos levar a seguinte questão: O que essas colônias pretendem silenciar quando não participam das ações desse programa comprometido com a educação, fator principal para o empoderamento de pescadores e pescadoras como agentes de mudança no desenvolvimento local?

Para Carvalho e Callou (2008, p.71) a proposta pedagógica do Programa, ao se desenvolver em grupos específicos de pescadores e atingir as metas estabelecidas pela SEAP/PR, contribuirá para o fortalecimento do capital humano das comunidades pescadoras. Esse fortalecimento poderá desaguar na renovação das lideranças das Colônias (muitas delas ainda são representadas por pessoas alheias à categoria de pescadores), já que os elementos da cultura do pescador e sua relação com o papel do Estado tende a fortalecer a participação desses profissionais como cidadãos e como agentes de mudança.

Entre as dificuldades apontadas pelos técnicos para o andamento do *Pescando Letras*, destacamos as seguintes: 1. faltam profissionais capacitados que conheçam a rotina dos pescadores e assim possam trabalhar melhor superando as dificuldades encontradas no

dia-a-dia da classe. Os profissionais contratados são da própria comunidade pesqueira e, muitas vezes, não estão aptos a atuarem no programa por não possuírem os requisitos básicos e necessários como o ensino médio ou, preferencialmente, curso normal (antigo magistério); 2. os municípios que já aderem ao programa encontram-se desmotivados, devido à falta de assistência e comprometimento dos órgãos envolvidos, a exemplo da falta de liberação da verba através do MEC, ou a falta de infra-estrutura para a realização das aulas; 3. Em alguns casos foi constatada a evasão escolar, pela dificuldade na aprendizagem dos pescadores por deficiência visual (provocada pelo reflexo do sol na água).

### **REPRESENTATIVIDADE DO PESCANDO LETRAS NO MUNICÍPIO DE PERNAMBUCO**

No Brasil, o número de pescadores artesanais não é muito Preciso. Explica Benício e Costa (2006, p.89), fala-se em cerca de 1 milhão de trabalhadores em todo o país, porém o número de pescadores artesanais profissionais, isto é, aqueles que possuem registro no órgão federal competente é de apenas 500 mil, e cerca de 79% são analfabetos ou têm baixa escolaridade. Sendo assim, impõe medidas urgentes para tratar da complexa diversidade desse público, cujo modo de vida, seguramente, interferiu na condição relativa à sua escolaridade.

Em Pernambuco, além de Recife, há turmas também em Olinda, Goiana, Itamaracá, Jaboatão dos Guararapes, São José da Coroa Grande, Tamandaré, Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho.

A Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca de Pernambuco contabilizou, a partir de dados do Ministério do Trabalho de 2004, que dos 1.252 pescadores e pescadoras declarados não alfabetizados do estado de Pernambuco que acessaram seguro defeso (lagosta ou piracema), o percentual de 77% estão no litoral e 23% no interior. Quantificando esses dados entre homens e mulheres, 7% são do sexo feminino e 93% do sexo masculino. Segundo a SEAP/PR, este número pode ser ainda maior se forem considerados aqueles que não acessaram o seguro e suas famílias.

Dos dados levantados pela SEAP/PE das fichas cadastrais das entidades representantes das classes de pescadores (colônias e associações) no período entre 2006 e 2007, são 521 o número de pescadores e pescadoras cadastrados no *Programa Pescando Letras* em fase de alfabetização, sendo 34% no litoral e 66% no interior. Dessa totalidade 60% são do sexo masculino e 40% do sexo feminino. Devemos considerar que esses dados

referem-se aos alunos cadastrados no Programa, podendo haver indícios de evasão escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na perspectiva de avançar o ritmo das ações do *Pescando Letras* e cumprir com o objetivo de desenvolver o setor pesqueiro combinando a elevação de escolaridade com o ensino profissionalizante de pescadores e pescadoras artesanais, mostrando-lhes um novo mundo de acesso à leitura e a escrita como forma fazer cidadania, deve haver um comprometimento da SEAP/PR em acompanhar com mais rigor os escritórios da SEAP dos diversos estados e os órgãos governamentais envolvidos, a fim de monitorar se estão cumprindo com a proposta do programa. Considerando as peculiaridades e as demandas de cada região, os referidos órgãos devem dar a assessoria aos municípios que já aderiram ao programa e incentivo aos interessados em aderir ao mesmo, procurando estar sempre em contato com os pescadores para saber os problemas da classe, e com isso aumentar a credibilidade dessa categoria em relação aos seus direitos. Mesmo em meio a tantos entraves apresentados pelo programa, podemos perceber em alguns depoimentos o discurso de agradecimento de muitos pescadores e pescadoras relatando esse novo mundo que a leitura e a escrita pode proporcionar.

Entre os depoimentos das esposas de pescadores beneficiada pelo projeto pescando letras, encontramos o de Maria do Livramento Neves Dias, da comunidade de Mosqueiro, em Belém do Pará, que convivia com a frustração de não poder ajudar suas filhas nas tarefas escolares, e hoje, diz ela “Leio tudo o que vejo pela frente, de livros a cartazes de rua”. Diz a aluna Edvalda Pimentel da Silva “Na minha vida mesmo, mudou muita coisa. Eu tinha que depender dos outros até para escrever meu nome. Agora eu mesma escrevo”, orgulha-se, Edvalda, disposta a “voltar para a escola e completar o ensino fundamental e médio”.

Diante do exposto, mesmo apresentando alguns fatores positivos, o grande desafio da SEAP/PR será no esforço de manter um diálogo entre governantes e gestores de pesca responsáveis e comprometidos com a conservação dos recursos naturais e com a inclusão social, inclusive com a participação dos pescadores e pescadoras artesanais, considerando que só eles conhecem os problemas enfrentados pela classe.

Enfim, parafraseando o que diz Benício e Costa (2006, p.96), se queremos que a alfabetização ajude a mudar a vida do pescador, ela não pode ser apenas um começo,

aquela que ensina a juntar letras e escrever o nome. Ela precisa ser muito mais do que isso. Precisa ser uma alfabetização que ajude a formar pescadores leitores do mundo e dos livros. Não podemos, conformá-los aos modelos impostos pelos sistemas.

## REFERÊNCIAS

BENÍCIO, Maria Luíza, COSTA, Renato Pontes. “Vamos jogar a tarrafa...” a educação de jovens e adultos pescadores. *Alfabetização e Cidadania: revista de educação de jovens e adultos*. Brasília, RAAAB, UNESCO, n.19, jul. 2006.

BRASIL. Ministério do Trabalho e do Emprego. Secretaria de Políticas Públicas de Emprego. *Rede de saberes, alfabetização de pescadores artesanais: informações, reflexões e pistas metodológicas na formação de educadores*. Brasília, 2004.

CARVALHO, Felipe Eduardo Araújo, CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. Extensão pesqueira e desenvolvimento local: a experiência da Secretaria Especial de Aqüicultura e Pesca no Estado de Pernambuco, 2003-2006. *Interações*, Campo Grande, v.9, n.1, p.65-76, jan./jun.2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas/SP: Pontes, 2002.

PROGRAMA PESCANDO LETRAS. Proposta pedagógica para alfabetização de pescadores e pescadoras profissionais e aqüicultores e aqüicultoras familiares. Ago. 2005. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/secad\\_pescandolettras.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/secad_pescandolettras.pdf). Acesso em: 12 maio 2008..

REVISTA BALANÇO DAS ÁGUAS. Paraná: Presidência da República, Secretaria de Aqüicultura e Pesca, 2006. 52 p.